



CAPPELLI

E-mail: paulo.cappelli@correiodamanha.net.br

com Lucas Gayoso

Instagram: @jornalistapaulocappelli

Governo dos EUA avalia retirar tarifas sobre alumínio brasileiro

■ O governo dos Estados Unidos avalia retirar parte das tarifas antidumping aplicadas ao alumínio importado do Brasil. Esse tipo de tarifa é uma cobrança adicional imposta a produtos estrangeiros quando autoridades concluem que eles são vendidos no mercado norte-americano por preços considerados injustamente baixos, prejudicando produtores locais.

■ A medida consta de um documento, ao qual a coluna teve acesso, do Departamento de Comércio publicado no Federal Register em 11 de agosto. O órgão iniciou uma revisão das restrições e apresentou uma conclusão preliminar favorável à retirada das tarifas para determinados tipos de chapas de alumínio destinados à fabricação de latas.

■ A análise ocorre em meio às discussões comerciais entre Brasil e Estados Unidos. Nesta sexta-feira (21/8), o presidente Lula conversou por telefone durante 1h20 com o presidente norte-americano, Donald Trump, e voltou a questio-

nar as tarifas impostas pelos EUA a produtos brasileiros.

■ Segundo o Palácio do Planalto, Lula classificou como “infundadas” as justificativas usadas pelos Estados Unidos para as novas cobranças e defendeu a continuidade das negociações comerciais. Trump, por sua vez, concordou sobre a importância de preservar a relação comercial entre os dois países e propôs que as equipes dos governos retomem as negociações o mais rapidamente possível.

■ A conversa não resultou, porém, no anúncio de redução ou suspensão das novas tarifas impostas pelo governo Trump. As medidas permanecem em vigor.

■ A revisão envolvendo o alumínio é um processo distinto dessa disputa tarifária mais recente. As medidas antidumping sobre chapas de liga comum de alumínio brasileiro estão em vigor desde abril de 2021 e também atingem produtos de países como China, Alemanha, Índia, Itália, África do Sul, Espanha e Turquia.



ALAN SANTOS/PR

Órgão dos EUA apresentou uma conclusão preliminar favorável à retirada das tarifas

■ O processo de revisão foi aberto após um pedido apresentado em junho por um grupo que reúne fabricantes de alumínio dos Estados Unidos. Segundo o Departamento de Comércio, “empresas responsáveis por praticamente toda a produção doméstica do produto apoiam a alteração”.

■ Na avaliação preliminar, o Departamento de Comércio concluiu haver apoio suficiente da indústria norte-americana para retirar parcialmente as medidas. A mudança alcançaria determinados tipos de alumínio destinados à fabricação de latas.

■ A proposta prevê ainda que a retirada das tarifas tenha efeito retroativo sobre os produtos abrangidos pela revisão. Isso significa que importações enquadradas nos critérios definidos pelo governo norte-americano poderão deixar de estar sujeitas às cobranças referentes ao período alcançado pela decisão final.

■ A possível retirada, no entanto, ainda não está definida. O Departamento de Comércio abriu espaço para manifestações das partes interessadas antes de publicar o resultado final da revisão.

JOSÉ LUIZ ESTEVES DA FONSECA

Gestor Executivo de Relações Institucionais e Sustentabilidade da MRV&CO

Desenvolvimento além dos canteiros: como as obras transformam a infraestrutura e a vida nos bairros

O que fica de uma obra depois que o canteiro é desmontado e o empreendimento entregue? A pergunta pode parecer simples, mas ajuda a ampliar a forma como enxergamos o impacto de um empreendimento. Uma construção pode transformar fisicamente uma região, mas seu legado pode ir muito além do que está dentro de seus limites. Pode estar em uma infraestrutura melhor; em espaços qualificados, em novos hábitos ou no fortalecimento de iniciativas criadas pela própria comunidade.

É nesse ponto que acredito que o setor imobiliário tem uma responsabilidade importante. Quando uma nova construção chega, ela passa a fazer parte de um espaço que já tem história, pessoas, características e necessidades próprias. Por isso, atuar de forma sustentável não significa apenas reduzir os impactos ambientais de uma obra, mas também compreender o entorno, estabelecer relações éticas e transparentes e identificar como podemos contribuir para cada lugar. Uma obra naturalmente interfere na rotina de quem vive ao redor, e ouvir os moradores e buscar formas de minimizar esses impactos deve ser parte desse processo. Mas essa relação pode ir além da mitigação e abrir espaço para contribuições que permaneçam.

O Vizinho do Bem, programa de relacionamento comunitário desenvolvido pela construtora MRV, parte justamente dessa lógica de proximidade. O programa cria canais de diálogo com as comunidades próximas às obras e permite compreender

suas demandas e identificar oportunidades de atuação. Em 2025, esteve presente em 16 territórios de sete estados, beneficiou mais de 29 mil pessoas e atendeu 2.423 demandas. Mais do que números, esses resultados mostram a importância de estabelecer uma relação contínua com quem vive na vizinhança dos empreendimentos da construtora e de transformar essa escuta em ações que façam sentido para cada região.

Em Campinas, esse olhar esteve presente na criação de um novo Ecoponto na região do Campo Grande. A partir de um estudo sobre as características e necessidades locais, o programa identificou a importância de ampliar as alternativas para o descarte adequado de resíduos e reduzir o rejeito irregular em vias públicas, áreas verdes e corpos d'água. Com base nessa avaliação, foi implantado o espaço, que oferece aos moradores uma estrutura para a destinação correta de recicláveis e remuneração via Pix pelos materiais entregues. A expectativa é beneficiar cerca de 150 famílias e recuperar aproximadamente uma tonelada de resíduos por mês, unindo uma necessidade identificada na região a uma solução com benefícios ambientais e sociais.

Mas olhar para o entorno também significa reconhecer e fortalecer aquilo que já é construído pela própria população. Foi o que aconteceu com a horta comunitária “Cultivando no Florence”, no Jardim Florence, vencedora de um concurso socioambiental

promovido pelo Vizinho do Bem. Criado pelos moradores, o projeto transforma o cultivo da terra em uma ferramenta de união comunitária, segurança alimentar e educação ambiental. Para mim, esse tipo de ação mostra que contribuir para uma região também significa valorizar o protagonismo de quem conhece de perto seus desafios e potencialidades.

Esses exemplos ajudam a ampliar a própria ideia de legado. O impacto de um empreendimento não precisa estar restrito ao que é construído dentro de seus limites. Ele pode estar em uma estrutura que melhora a destinação de resíduos, em uma área qualificada, em uma iniciativa ambiental, no plantio de árvores nativas, na criação de um parque linear ou no fortalecimento de um projeto comunitário. Cada região tem suas particularidades e, por isso, as melhores soluções são aquelas que partem de uma compreensão real das necessidades locais. Nesse processo, empresas, comunidades e poder público têm papéis diferentes, mas podem contribuir para uma mesma construção.

No fim, uma obra tem começo, meio e fim. O impacto que ela pode gerar, porém, permanece por muito mais tempo. Uma edificação pode atravessar décadas, mas as melhorias realizadas em seu entorno também podem fazer parte da rotina de um bairro por gerações. É por isso que acredito que construir de forma sustentável significa também assumir responsabilidade pelo território que nos recebe. Quando uma obra considera o lugar onde está, dialoga com quem já vive ali e busca deixar contribuições que permaneçam, ela ganha um significado que ultrapassa o próprio empreendimento. Esse, para mim, é o verdadeiro sentido de desenvolver além dos canteiros: construir hoje, mas também pensar no legado que ficará para amanhã.